



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

PIETRA SOUZA GIORDANO

(IN)SEGURANÇA ENERGÉTICA: *em que medida os processos internos de tomada de decisão tornaram a Alemanha mais dependente do gás natural russo.*

BRASÍLIA

2023

PIETRA SOUZA GIORDANO

(IN)SEGURANÇA ENERGÉTICA: *em que medida os processos internos de tomada de decisão tornaram a Alemanha mais dependente do gás natural russo.*

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Fernanda L. S. Medeiros

BRASÍLIA

2023

PIETRA SOUZA GIORDANO

(IN)SEGURANÇA ENERGÉTICA: *em que medida os processos internos de tomada de decisão tornaram a Alemanha mais dependente do gás natural russo.*

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais pela Faculdade de
Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientadora: Fernanda L. S. Medeiros

BRASÍLIA, MAIO 2023

BANCA AVALIADORA

Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria, do fundo do meu coração, de expressar meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que estiveram ao meu lado, principalmente durante a produção deste trabalho. Meus agradecimentos especiais vão para as minhas amigas, Luana e Letícia, que me acompanharam nas tardes de estudo, oferecendo seu apoio e incentivo. Agradeço também ao meu pai, que gentilmente se dispôs a dar sua opinião sincera a cada passo deste trabalho, contribuindo para sua qualidade. Não posso deixar de mencionar também meu querido namorado, Luís Felipe, que passou noites acordado ao meu lado, lendo, corrigindo e traduzindo, para que tudo isso fosse possível. Sua dedicação e suporte inabaláveis foram fundamentais para o êxito deste projeto.

Além disso, gostaria de expressar meu profundo agradecimento a todas as outras pessoas importantes da minha vida. À minha mãe, que me fez ser tudo o que sou, sendo minha maior fonte de inspiração e força. À minha madrasta, Joana, que sempre esteve lá para mim, oferecendo seu apoio e palavras encorajadoras nos momentos mais desafiadores. Aos meus irmãos, que alegram meus dias e compartilham comigo momentos inesquecíveis de cumplicidade e alegria. À minha avó, que sempre me acolheu nos momentos mais difíceis, fornecendo seu amor incondicional e sabedoria. E a todos os outros familiares e amigos que estiveram presentes, com seu carinho, compreensão e apoio ao longo desta jornada.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão especial ao meu afilhado e querido irmão, Luca, que em seus 9 meses de vida, você se tornou uma luz na minha vida, trazendo alívio para o estresse do dia a dia com seu sorriso inocente e sempre alegre. Sua presença constante foi minha fonte diária de serotonina, e sou imensamente grata por tê-lo em minha vida.

A todos vocês, meu profundo agradecimento por contribuírem de maneira significativa para o desenvolvimento deste trabalho e por fazerem parte da minha trajetória. Suas palavras de incentivo, apoio emocional e amor foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

(IN)SEGURANÇA ENERGÉTICA: em que medida os processos internos de tomada de decisão tornaram a Alemanha mais dependente do gás natural russo.

Pietra Souza Giordano¹

RESUMO

A invasão russa à Ucrânia em fevereiro de 2022 despertou ampla atenção por parte da mídia internacional, destacando também diversas outras questões relevantes relacionadas ao conflito. Entre elas, destaca-se a significativa dependência energética da Alemanha em relação ao gás natural proveniente da Rússia. Nesse contexto conflituoso, o governo de Vladimir Putin, atual presidente da Rússia, se utilizou dessa vulnerabilidade como via de pressão, levando a uma crise de abastecimento no país. Assim, à luz das teorias clássicas de Relações Internacionais, complementadas por abordagens mais contemporâneas, este estudo buscou compreender os processos que contribuíram gradualmente para o aumento dessa dependência ao longo dos anos. Para tanto, foi apresentado o contexto histórico da aproximação entre Alemanha e Rússia desde a unificação do Império Alemão em 1871, assim como os laços culturais estabelecidos entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a República Democrática Alemã (RDA) durante o período da Guerra Fria. Dentro desse mesmo contexto, foram analisadas as consequências da *Ostpolitik* (política de aproximação com o leste) de Willy Brandt na política alemã pós-reunificação, bem como o fato de que os discursos de políticos do Partido Social-Democrata (SPD) continuaram a reverberar ideias derivadas da *détente* de Brandt. Por fim, este estudo discutiu os impactos geopolíticos decorrentes da construção dos gasodutos *Nord Stream 1* e *2*, que conectam a Rússia à Alemanha através do Mar Báltico, no cenário internacional, explorando os trâmites internos que levaram à decisão de continuar o projeto mesmo sob fortes críticas da comunidade internacional.

Palavras-chave: Interdependência; Rússia; Alemanha; *Energiewende*; *Ostpolitik*.

¹ Graduanda em Relações Internacionais no Centro Universitário de Brasília | pietra.giordano@sempreueub.com

ABSTRACT

The Russian invasion of Ukraine in February 2022 drew widespread attention from the international media, also highlighting various other relevant issues related to the conflict. Among them, the significant energy dependence of Germany on natural gas from Russia stands out. In this conflict-ridden context, the government of Vladimir Putin, the current president of Russia, exploited this vulnerability as a means of pressure, leading to an energy crisis in the country. Thus, in light of classical theories of International Relations, complemented by more contemporary approaches, this study sought to understand the processes that gradually contributed to the increase in this dependence over the years. To this end, the historical context of the rapprochement between Germany and Russia since the unification of the German Empire in 1871 was presented, as well as the cultural ties established between the Union of Soviet Socialist Republics (USSR) and the German Democratic Republic (GDR) during the Cold War period. Within this same context, the consequences of Willy Brandt's *Ostpolitik* (policy of rapprochement with the East) on post-reunification German politics were analyzed, as well as the fact that speeches by politicians from the Social Democratic Party (SPD) continued to echo ideas derived from Brandt's *détente*. Finally, this study discussed the geopolitical impacts resulting from the construction of the *Nord Stream 1* and *2* gas pipelines, which connect Russia to Germany through the Baltic Sea, on the international stage, exploring the internal processes that led to the decision to proceed with the project despite strong criticism from the international community.

Keywords: Interdependence; Russia; Germany; *Energiewende*; *Ostpolitik*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDU	União Democrata-Cristã (partido político alemão)
COMECON	Conselho de Assistência Econômica Mútua
EUA	Estados Unidos da América
KGB	<i>Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti</i> (Comitê de Segurança de Estado da URSS)
NS1	<i>Nord Stream 1</i>
NS2	<i>Nord Stream 2</i>
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
RDA	República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental)
RFA	República Federativa da Alemanha (Alemanha Ocidental)
SPD	Partido Social Democrata (partido político alemão)
UE	União Europeia
UniCEUB	Centro Universitário de Brasília
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 VERTENTES DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS APLICÁVEIS AO CASO.....	10
3 DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA ALEMÃ E OPINIÃO PÚBLICA.....	14
3.1 Papel do ambientalismo alemão.....	15
3.2 RDA, FDA e a <i>Ostpolitik</i>.....	20
3.3 Institucionalismo alemão.....	27
4 A TEIA DE INTERESSES EM TORNO DO PROJETO <i>NORD STREAM</i>.....	30
4.1 Interesses estratégicos.....	30
4.2 Corrupção e interesses pessoais.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A invasão russa à Donbass no começo de 2022 foi recebida com surpresa pela comunidade internacional, que, apesar de ciente do expansionismo de Putin, não esperava um conflito armado nos moldes tradicionais, tendo em vista que, até então, o presidente russo adotava outros tipos de estratégia para estender sua influência.

Em 2008, a Rússia apoiou separatistas na Geórgia, levando à independência das regiões da Ossétia do Sul e Abecásia, que permanecem desde então sob o controle efetivo de Putin, mesmo sem o reconhecimento internacional (BBC, 2022). Algo semelhante ocorreu na Ucrânia em 2014, enquanto o país passava por um período de instabilidade após a queda do presidente Viktor Yanukovich: Putin aproveitou a situação para inflar as intrigas entre separatistas na região da Crimeia, que foi anexada ao território russo após a realização de um polêmico referendo entre a população.

Embora a comunidade internacional tenha condenado repetidamente as ações de Vladimir Putin e ameaçado impor sanções ao país, a falta de medidas mais decisivas pareceu ter fortalecido o governante russo, resultando na invasão por terra à Ucrânia em fevereiro de 2022. Assim, a invasão planejada para ocorrer como um movimento rápido, se tornou um conflito de mais de um ano, que permanece ativo e sem expectativas de término em futuro próximo até o momento de produção deste artigo.

Desde o início das agressões, os países do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) passaram a se mobilizar, aumentando os investimentos em defesa e fornecendo armamentos para a Ucrânia. Além disso, muitos países ao redor do globo passaram a aplicar sanções contra a Rússia, que, inclusive, foi retirada da Sociedade para Telecomunicação Financeira Mundial entre Bancos (SWIFT), visando desconectar os bancos russos do sistema financeiro internacional e prejudicar sua capacidade de operar globalmente (BBC, 2022).

Em retaliação, Putin passou a fechar gasodutos e dificultar a exportação de petróleo russo (DW, 2022). Foi nesse cenário caótico que Olaf Scholz, recém-eleito chanceler da Alemanha, viu-se encarregado da difícil tarefa de desvincular a demanda energética alemã do gás natural russo, que antes era responsável por cerca de metade do abastecimento de energia do país (SULLIVAN, 2022).

Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo compreender quais são as principais variáveis que impactaram as relações entre Alemanha e Rússia até 2022, e como, se compreendidas conjuntamente, podem explicar o aumento da dependência energética alemã frente ao gás natural russo.

O texto, que abarca cinco hipóteses explicativas sobre as razões da dependência alemã, é dividido em três capítulos, além da introdução e as considerações finais: o segundo versando o marco teórico do trabalho, o terceiro capítulo subdividido em quatro seções, e o quarto em duas seções.

O segundo capítulo estabelece o marco teórico – o apanhado de teorias de relações internacionais clássicas e contemporâneas – que serão devidamente delineadas durante toda a exposição realizada nas seções e capítulos subsequentes.

Em seguida, o terceiro capítulo delinea as causas que impactam a dependência energética alemã em relação à Rússia relacionadas à força da opinião pública. A seção 3.1, aborda a força das pautas ambientais na Alemanha, cujo Partido Verde está entre os mais fortes do mundo (JAHN & KOROLCZUK, 2012), e sua repercussão na relação de dependência mencionada. Assim, parte do esforço do governo alemão em mudar a matriz energética da queima de carvão para gás natural pode ser associada à necessidade de atingir as metas ecológicas ambiciosas estabelecidas pelo país. Entre elas, está o Plano de Ação Climática 2050, adotado em novembro de 2016, cujo objetivo era que a Alemanha atingisse a neutralidade de carbono até o ano de 2050 (FEDERAL MINISTRY FOR THE ENVIRONMENT, NATURE CONSERVATION, NUCLEAR SAFETY AND CONSUMER PROTECTION, 2016).

Além disso, o desastre nuclear em *Fukushima* (2011) afetou negativamente a opinião pública alemã, que passou a apoiar em peso o fim da energia nuclear no país. Sendo assim, paralelamente ao investimento em gás natural russo, também foram adotadas políticas para encerrar as atividades das 17 usinas nucleares do país até 2022 (JAHN & KOROLCZUK, 2012). Desta forma, a demanda reprimida pela remoção de uma das fontes de energia do país foi redirecionada para o gás natural, ainda que tenham, de fato, havido investimentos significativos em energia renovável durante o período.

Em seguida, a seção 3.2 apresenta os aspectos históricos e culturais que levaram à aproximação entre a Rússia e a Alemanha. Em vista disso, foi abordado como no

pós-Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi dividida em zonas de influência cedidas às potências vencedoras do conflito, tendo permanecido com sua parcela leste sob controle da URSS até os anos 90. Assim, mesmo na atualidade, persiste a sensação de uma “fronteira invisível” que continua a dividir o país, sendo que o território da antiga Alemanha Oriental segue culturalmente ligado à Rússia, fator que contribui para a persistência das intensas relações comerciais entre os países, sobretudo na continuidade de dinâmicas consolidadas durante a Guerra Fria.

Na sequência, a seção 3.3 examina o aspecto institucionalista da Alemanha, que adotou uma abordagem baseada na criação de vínculos com a Rússia como estratégia para mantê-la dentro do sistema internacional. Dessa maneira, foi empregada a lógica da interdependência, na qual a ameaça de sanções em caso de conflito seria mais eficaz devido à relação de mutualismo entre os Estados, reduzindo as chances da Rússia adotar comportamentos agressivos no âmbito internacional.

A seguir, no capítulo quatro foram analisadas as esferas de interesse, principalmente as ligadas à construção do gasoduto Nord Stream 2, que conecta a Rússia à Alemanha pelo Mar Báltico. Desta forma, a seção 4.1 focou na análise dos benefícios econômicos e estratégicos do projeto, que tornaria a Alemanha a principal redistribuidora do gás natural russo na Europa. Em seguida, a seção 4.2 foi dedicada à compreensão das possíveis vantagens pessoais para os atores envolvidos diretamente no projeto.

Por fim, no último capítulo é apresentada a conclusão geral dos aspectos apresentados durante todo o trabalho.

2 VERTENTES DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS APLICÁVEIS AO CASO

Desde o final da Primeira Guerra Mundial, a disciplina de Relações Internacionais tem sido palco de diversos debates teóricos, quase todos com participação preponderante dos teóricos realistas. O primeiro debate atingiu seu ápice entre as décadas de 1930 e 1940, opondo realistas e idealistas (posteriormente chamados de liberais), e foi seguido pela Revolução Behaviorista na década de 1950, que gerou o Segundo Grande Debate da disciplina – entre realistas e behavioristas.

Mais tarde, nos anos 1970, ocorreu o Terceiro Debate, conhecido como "debate neo-neo", entre neoliberais e neorealistas, seguindo do Quarto Debate, na década de 1980, desta vez entre racionalistas e relativistas (JACKSON & SØRENSEN, 2007). Desta forma, tendo em vista a relevância da teoria realista para os três primeiros debates, e seu papel fundamental para a disciplina de Relações Internacionais, o presente trabalho serve-se, inevitavelmente, de algumas inspirações teóricas da vertente em questão, ainda que questione sua supremacia explicativa.

Nesse sentido, é relevante lembrar que a primeira e mais frequente crítica feita ao realismo é seu caráter unidimensional, posto que os realistas abstraem os processos internos de tomada de decisão para destacar exclusivamente a dinâmica entre Estados, considerando-os os verdadeiros atores das relações internacionais. Assim, partem do pressuposto de que os Estados são atores unitários e racionais, que agem de maneira uniforme e homogênea em defesa dos interesses nacionais (NOGUEIRA & MESSARI). No entanto, por vezes, essa lógica parece remeter muito mais ao modelo *westfaliano* do século XVII – um jogo de sobrevivência e poder, disputado por diplomatas e soldados em nome de seus estadistas (BOOTH, 1991) –, do que à realidade cosmopolita e multidisciplinar do século XXI.

Por outro lado, os liberais, diferente dos realistas, tendem a dar mais valor para as relações transnacionais (que envolvem atores não-estatais, como empresas, ONGs, OIs, etc.), inclusive percebendo-as, na maioria das vezes, de maneira positiva. Nesse sentido, John Burton, em seu livro *World Society* (1972), argumenta que, em um mundo globalizado, as

participações sobrepostas dos mesmos indivíduos em diferentes grupos não só diminuem o risco de conflito, como ainda propiciam a cooperação benéfica e mútua entre eles.

Paralelamente, em *Interdependência e Sociedade Global* (2003), Fabiana Paschoal de Freitas faz uma constatação similar, apontando que com o incremento da interdependência mundial e o aumento da troca de informações entre as nações, juntamente com o avanço dos meios de comunicação, indivíduos de diferentes nacionalidades passaram a ter mais oportunidades de interagir, permitindo a discussão e compartilhamento de questões que ultrapassam as fronteiras nacionais (OLIVEIRA & RI). Sob a mesma lógica, em 1972, Burton já argumentava que as análises feitas a partir de padrões comunicativos e transacionais entre esses agrupamentos humanos são mais precisas em desenhar uma representação do mundo do que tentar compreendê-lo através das fronteiras artificiais dos Estados.

Além disso, é preciso enfatizar que a participação das massas na política é um fenômeno relativamente recente na história ocidental. A abolição do voto censitário, a inclusão do sufrágio feminino e a conquista do direito à cidadania por estrangeiros e grupos étnicos minoritários datam principalmente do século XX, muitas vezes sendo efetivados apenas no século XXI. Como resultado, a universalização do voto, ainda que limitada, permitiu que grupos antes marginalizados expressassem suas demandas de forma organizada, o que aumentou a importância da opinião pública para os governos, levando a uma pluralização das demandas sociais e dos grupos capazes de apresentá-las.

Consequentemente, a política interna dos Estados tornou-se cada vez mais complexa, pois, anteriormente, durante grande parte da história das democracias ocidentais, essas demandas estavam concentradas em pequenos grupos unidos por características comuns – como classe social, renda e gênero – tornando-os mais coesos internamente do que as massas.

Além dos constantes conflitos de interesses entre as muitas camadas sociais, a participação ativa de mais indivíduos na política também causa instabilidade nos processos de tomada de decisão. Isso ocorre porque a perspectiva dos indivíduos é influenciada por fatores tanto externos quanto internos, incluindo a identificação com grupos específicos, unido por região, nação, etnia, raça, religião, posição social ou filiação política (OLIVEIRA & RI). Assim, processos internos e pessoais, muitas vezes volúveis e de difícil identificação, ganham vazão na política e podem ser facilmente manobrados por discursos populistas.

Correlativamente, Mitzen (2006) argumenta que quando pensamos no conceito de segurança ontológica – ou seja, na sensação de segurança experimentada pelos seres humanos quando têm uma compreensão clara e estável do mundo ao seu redor e das suas próprias identidades –, é possível que nos deparemos com situações em que indivíduos prefiram permanecer em conflitos a lidar com a ansiedade da incerteza quanto ao futuro. No entanto, ainda que pareça ilógico à primeira vista, essa preferência é dotada de certa racionalidade e está intimamente ligada à necessidade humana de manter rotinas, visto que as incertezas impedem que a sociedade se organize a longo prazo. Assim, sendo preferível viver com a familiaridade de um longo conflito do que com o medo constante dele.

Ao mesmo tempo, muito embora os liberais sejam comumente associados a uma visão mais otimista das relações internacionais, a postura colaborativa típica dessa vertente teórica não está necessariamente associada a uma romantização da natureza humana. Para parte dos liberais, especialmente para aqueles que surgiram após a década de 1970, a cooperação pode ter bases egoístas, focadas nos próprios ganhos absolutos.

Ademais, teóricos como Keohane e Nye (1977) também admitem a possibilidade de oscilações no comportamento dos Estados, que podem agir sob uma lógica mais ou menos realista conforme o contexto. Assim, na extremidade oposta ao realismo, estaria a interdependência complexa, um cenário ideal no qual os Estados estão interligados de tal maneira que, mesmo em um contexto de dependência assimétrica, a represália contra um Estado poderia representar uma perda para o próprio agressor, justificando que os atores se esquivem do conflito.

De todo modo, apesar do viés racional ser mais frequentemente associado às vertentes realistas, e seus desdobramentos tenderem à belicosidade, seria equivocado assumir que outras teorias careçam de racionalidade, ou que a resposta aos conflitos seja a mesma sempre que a razão estiver presente.

Tendo isso em mente, mesmo que o estudo do impacto das emoções na política seja majoritariamente interpretativo e dificilmente sistematizável, o ideal mimético de pesquisa não é necessariamente mais plausível. De maneira geral, toda análise parte de um pressuposto e se encaminha mediante escolhas, pois a própria seleção do tema para discussão já é intrinsecamente parcial e embebida de todas as influências externas que constituem a vida do autor (BLEIKER, 2001). Sendo assim, ainda que seja necessário estabelecer certo rigor

metodológico, é aceitável que uma pesquisa na área das ciências humanas se aventure a explorar as consequências de fatores subjetivos em fatos objetivos.

O impacto das emoções na política é mais visível quando se analisam impulsos negativos, motivados por raiva, frustração e/ou medo. Grande parcela dos estudiosos, ainda que inconscientemente, concorda que o sentimento revanchista francês foi parte preponderante nos acordos que se seguiram após a 1ª Guerra Mundial, e ainda, que a humilhação sentida pelos alemães no pós-guerra foi combustível para a ascensão de Hitler ao poder na década de 1930. Entretanto, é pouco debatido o impacto de outros sentimentos humanos, como a culpa que as novas gerações da Alemanha carregam pelos horrores do nazismo, ou a empatia que parte majoritária da população oriental alemã sente pela Rússia.

Portanto, não é absurdo admitir que a opinião pública pode ser dotada de racionalidade e, ao mesmo tempo, desviar o governante do caminho do que seria melhor para o Estado a longo prazo. Com frequência, as pessoas seguem visões de curto prazo – resultando, por exemplo, na repulsa ao aumento de impostos, mesmo quando a medida pode trazer melhorias à qualidade de vida no futuro –, o que as leva a aceitar medidas mais rápidas e menos efetivas, muitas vezes influenciadas por discursos sensacionalistas e pelo medo de não viverem os frutos das políticas públicas.

3 DEPENDÊNCIA ENERGÉTICA ALEMÃ E OPINIÃO PÚBLICA

Em democracias, os governantes muitas vezes são compelidos a seguir certas demandas para angariar apoio e manter seus cargos. A política ambiental alemã, de certa forma, é um exemplo: segundo uma pesquisa realizada pela principal agência de proteção ambiental da Alemanha, *Umweltbundesamt* (UBA), em 2018 64% dos alemães entendiam os temas ambientais como muito importantes. Além disso, a política energética é vista como de suma importância por 72% dos entrevistados, sendo a principal entre as opções.

Esses dados oferecem um panorama da importância dada pelos alemães às questões ambientais, e explicam a decisão de abolir a energia nuclear no país, mesmo sem um plano consistente para a transição.

Ainda em relação à força da opinião pública, que, repita-se, de certo modo ajuda a moldar a postura dos políticos, é preciso ressaltar o impacto que os 41 anos de dominação soviética ainda exercem na parcela oriental da Alemanha, moldando as dinâmicas na região de modo a auxiliar na postura alemã de reforçar a inclusão da Rússia na ordem internacional.

Nesse sentido, é interessante notar que, mesmo depois da invasão da Crimeia em 2014, segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto *Forsa* em junho de 2021, 44% dos alemães ainda queriam diminuir ou abolir as sanções contra a Rússia – e aqui há que ser enfatizado que em reforço à influência dos russos na Alemanha, é preciso não deslembrar do contínuo comportamento político alemão do pós-guerra, de apaziguamento de conflitos como forma de se desvincular da imagem de estado beligerante.

3.1 PAPEL DO AMBIENTALISMO ALEMÃO

Em 1815, após a derrota de Napoleão Bonaparte, as principais potências da época – Áustria, Prússia, Rússia, Reino Unido e França – se reuniram no Congresso de Viena com o propósito de restaurar a ordem pré-revolucionária e restabelecer a paz no continente. Sendo assim, o mapa político da Europa, que havia sofrido significativas alterações durante a Era

Napoleônica (1799-1815), foi redesenhado de modo a atingir relativo “equilíbrio de poder” entre as nações e, conseqüentemente, mitigar potenciais conflitos posteriores (DEUTSCHER BUNDESTAG, s.d).

No entanto, apesar da efetiva redução dos conflitos durante um determinado período do século XIX, a unificação do Império Alemão, sob a perspicaz coordenação de Otto Von Bismarck, representou uma ruptura significativa no sistema estabelecido pelo Congresso de Viena. Essa transformação foi resultado do processo de consolidação da nação alemã, impulsionado por meio de uma estratégia militar conjunta entre a Prússia e outros povos de ascendência germânica, empreendendo uma série de confrontos bélicos com o propósito de conquistar as terras que, mais tarde, comporiam o território nacional.

Em 1864, a Prússia derrotou a Dinamarca na Guerra dos Ducados, conquistando territórios no norte da Alemanha. Em seguida, em 1866, travou uma guerra contra a Áustria e seus aliados alemães na Guerra Austro-Prussiana, emergindo vitoriosa. Tais acontecimentos permitiram a anexação de diversos territórios alemães e o estabelecimento da Confederação da Alemanha do Norte.

Por fim, o desfecho crucial para a unificação alemã ocorreu com a rápida vitória das tropas prussianas e de seus aliados na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), culminando no Tratado de Frankfurt, que impôs à França a humilhante obrigação de ceder a região da Alsácia-Lorena aos vencedores, além de arcar com uma substancial indenização de guerra. Esses eventos provocaram um profundo sentimento de orgulho nacional germânico, enquanto, paralelamente desencadeou o revanchismo francês, emoções que foram significativamente intensificadas em 18 de janeiro de 1871, quando Guilherme I, o monarca prussiano, foi proclamado imperador no Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes, marcando a criação do Império Alemão. (OFFICE OF HISTORIAN, s.d).

Desta forma, o novo país, localizado no coração da Europa, passou a desempenhar um papel de destaque como uma potência industrial e militar, caracterizado por um crescimento econômico vigoroso e um eficiente aparato militar. Ademais, ao assumir o cargo de primeiro chanceler do Império Alemão, Bismarck empreendeu uma série de reformas políticas e sociais visando consolidar a união e fortalecer o Estado.

Todavia, a unificação alemã também provocou tensões no cenário europeu, particularmente em relação às potências estabelecidas, como a França – humilhada ao fim da

Guerra Franco-Prussiana –, e a Inglaterra – principal potência da época, que teve sua hegemonia ameaçada pela repentina ascensão alemã. Assim, essas tensões, somadas às disputas por colônias, corridas industriais e emergência de nacionalismos, contribuíram para o clima geopolítico que acabaria por levar à eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) algumas décadas depois.

Levando em consideração os antecedentes apresentados, não é surpresa que a narrativa deflagrada ao fim da Primeira Guerra Mundial foi a de culpabilização da Alemanha, derrotada durante o conflito. Sendo assim, o Tratado de Versalhes, imposto pelas potências vitoriosas em 1919, não só responsabilizou a Alemanha pelo conflito, como estabeleceu uma série de condições humilhantes para o país, que perdeu territórios, foi desmilitarizado, forçado a pagar reparações financeiras e teve sua capacidade política restringida.

Essa derrota e as condições impostas pelo tratado contribuíram para um sentimento de ressentimento e humilhação na Alemanha, o que, em meio a uma instabilidade política e econômica, foi cenário ideal para o surgimento de movimentos extremistas. Assim, nos anos 1930, Adolf Hitler (1889-1945) explorou o descontentamento popular, prometendo restaurar a grandeza e o orgulho da Alemanha através do expansionismo nazista, levando o mundo à Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Após a rendição completa e incondicional da Alemanha, o país, que se encontrava completamente destruído pela guerra, foi submetido à desmilitarização e ocupação pelas tropas aliadas, além de enfrentar um abrangente processo de desmantelamento da influência nazista em seu território. Foi durante a chamada “*desnazificação*” que a população alemã passou a tomar consciência real dos horrores praticados pelo regime de Hitler, desde a existência de Campos de Concentração para trabalho escravo até o genocídio de minorias em câmaras de gás. Assim, parcela significativa dos alemães no pós-guerra optaram por se afastar desse passado nebuloso, almejando a construção de uma nova Alemanha.

Correlativamente, em seu livro, “Os Alemães”, Norberto Elias afirma algo similar:

Após uma fase de quase ilimitada exaltação do ideal nacional, as gerações ascendentes viram-se oneradas não só com o estigma da derrota, mas, sobretudo, com o estigma - e este mais difícil de superar - de uma nação que tem uma tendência atávica para a prática de atos de bárbara violência. Uma das estratégias para obter absolvição desse estigma foi, para muitos jovens burgueses, aderir a um credo político contrário àquele que era dominante na burguesia dos períodos do pré-guerra e da guerra - ou seja, o credo que eles opunham ao de seus pais e avós. Com a ajuda de um credo contrário, os jovens esperavam absolver-se das associações poluentes

com esses períodos, assim como encontrar um novo sentido que pudesse, ao mesmo tempo, dar expressão ao conflito de gerações que era bastante agudo na situação então em curso. (ELIAS, Norbert. Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. Capítulo 5: pág.209)

Nesse contexto, talvez um dos momentos mais notáveis do que viria a representar a Alemanha pós-Regime Nazista foi a visita de Willy Brandt, então chanceler da Alemanha Ocidental, à Polônia em 1970, ocasião em que humildemente ajoelhou-se diante do Memorial do Gueto de Varsóvia. O gesto, embora criticado por conservadores da época, tornou-se um símbolo do sincero arrependimento alemão em relação aos horrores do nazismo, transmitindo um veemente anseio pela consecução da paz (DW, 2020).

Assim, sob a liderança de Brandt, a República Federal da Alemanha (RFA) reconstruiu os laços diplomáticos com seus vizinhos, estabelecendo uma postura pragmática e cooperativa que, ao longo dos anos, a distanciou do estigma de nação belicosa, possibilitando a reintrodução do país no regime internacional. Mas a política de Brandt não se limitou ao ocidente, parte crucial de sua estratégia foi a aproximação com o leste, em especial com a Alemanha Oriental (RDA), objetivando, principalmente, pavimentar o caminho para a reunificação do país no futuro (DW, 2018). Todavia, dada a importância do tema para o argumento do presente trabalho, mais detalhes sobre a chamada *Ostpolitik* (“aproximação com o leste”) foram abordados em capítulos posteriores.

Retornando ao tema anterior, ao considerarmos a nova mentalidade adotada pelos cidadãos da Alemanha no pós-Segunda Guerra Mundial, é possível compreender com maior clareza a importância atribuída aos temas ambientais. Essa ênfase surge como uma forma de distanciamento do passado obscuro, abrindo caminho para novas perspectivas, inclusive na esfera pessoal, tendo em vista que os cidadãos da Alemanha também carregam o peso da culpa histórica pelos horrores da guerra. Por consequência, são criadas políticas públicas para tratar dos anseios da população que, por sua vez, torna-se mais consciente desses temas, criando um ciclo de crescente importância dada a determinados assuntos.

Desta forma, de acordo com dados fornecidos pela *Umweltbundesamt* (UBA), a principal agência de proteção ambiental da Alemanha, em 2016, 53% dos alemães consideravam os temas ambientais como de extrema importância. Esse número aumentou para 64% em 2018, tornando-se o terceiro ponto mais relevante para os alemães, atrás apenas

de educação (69%) e justiça social (65%). Além disso, a política energética foi considerada de suma importância por 72% dos entrevistados, destacando-se como a opção principal (UMWELTBUNDESAMT, 2018).

Na década de 1970, impulsionados pela crise do petróleo, emergiram na Alemanha Ocidental os primeiros movimentos ambientalistas que propugnavam pela transição energética, juntamente com a demanda pelo abandono da energia nuclear, que se tornou particularmente temida após os desastres de *Chernobyl* (1986) e *Fukushima* (2011) (HAGER & STEFES, 2016). No entanto, foi apenas nos anos 2000 que a Alemanha sancionou a *Renewable Energy Sources Act* (EEG), estabelecendo a meta de gerar 35% do fornecimento de eletricidade a partir de recursos de energia renovável até 2020. Desde então, a lei vem sendo atualizada anualmente para adaptar-se às demandas do governo e da população. (CLIMATE CHANGE LAWS OF THE WORLD, 2022).

No que tange a energia nuclear, é importante salientar que, embora não se enquadre na categoria de energia renovável, é uma fonte de baixa emissão de carbono, caracterizada por alta densidade energética, sendo a quantidade de energia liberada durante a fissão nuclear cerca de 10 milhões de vezes maior do que a gerada pela queima de átomos presentes nos combustíveis fósseis. Além disso, a energia nuclear apresenta custos relativamente baixos, tornando-a atraente mesmo entre as nações não comprometidas com a transição energética (ALBUQUERQUE, 2022). Todavia, além de particularmente rejeitada pela opinião pública devido ao risco de acidentes de grandes proporções, a energia nuclear também tem como subproduto materiais radioativos de difícil descarte e altamente prejudiciais para o meio ambiente.

De acordo com informações divulgadas pelo *Deutschland.de*, portal oficial associado ao Ministério de Relações Exteriores da Alemanha, após a catástrofe de *Chernobyl* (1986) mais da metade da população alemã passou a sentir-se ameaçada pela energia nuclear, levando políticos de todos os partidos a expressar o desejo de reduzir seu uso que, até então, era responsável por um terço da produção de energia do país (DEUTSCHLAND.DE, s.d). No entanto, apesar do impacto inicial, esse evento não foi o suficiente para uma reformulação completa da política energética.

Anos mais tarde, em 2002, Jürgen Trittin, então ministro do Meio Ambiente, aprovou o primeiro cronograma de abandono da energia nuclear na Alemanha, mas, novamente, não

foi dada a atenção necessária para o tema. Sendo assim, o plano só foi colocado em prática após o acidente nuclear em *Fukushima*, no Japão, quando a opinião pública foi novamente inflamada pelo medo (DW, 2023). Assim, apenas quatro dias após o desastre, em 11 de março de 2011, Angela Merkel, então chanceler da Alemanha, ordenou a paralisação imediata das mais antigas usinas nucleares do país e, um ano depois, o *Bundestag* decidiu pela renúncia completa à energia nuclear até 2022 (DEUTSCHLAND.DE, s.d).

Em consequência da lacuna deixada pelo encerramento da energia nuclear no país, apesar de empreender consideráveis investimentos em outras fontes renováveis, a Alemanha passou a depender ainda mais das fontes já estabelecidas no território nacional. Coincidentemente, como se em um prelúdio à futura dependência energética alemã, em novembro daquele mesmo ano, foi inaugurado o gasoduto *Nord Stream 1*, que conectava a Rússia à Alemanha pelo Mar Báltico. Além disso, desde 2005, já estavam em curso as negociações para a construção do *Nord Stream 2*, com o dobro da capacidade do seu predecessor, projetado para impulsionar ainda mais as relações comerciais entre os dois países (LIKOV, 2018).

Em 2012, após a ativação do *Nord Stream 1*, que ainda não operava em sua capacidade máxima, a Rússia fornecia aproximadamente 37% do total de gás natural demandado pela Alemanha (FOREIGN POLICY RESEARCH INSTITUTE, 2014). Uma década depois, no início de 2022, as exportações russas já alcançavam cerca de metade da demanda energética alemã, uma situação que poderia ter se agravado com o fechamento da última usina nuclear do país, marcada para ocorrer naquele mesmo ano (DW, 2022).

Contudo, a eclosão da Guerra da Ucrânia marcou uma mudança significativa no cenário internacional, resultando em uma série de sanções impostas entre a União Europeia e a Rússia. Diante desse contexto, a Alemanha foi compelida a reativar suas usinas nucleares, que àquela altura forneciam apenas 6% do consumo total de eletricidade do país (DW, 2023). Além disso, foi necessário recorrer a outras fontes de energia, muitas vezes com um impacto ambiental mais pronunciado, como a queima de carvão.

Assim, a crise energética não apenas afetou o padrão de vida da população, mas também desempenhou um papel significativo no atraso do cumprimento das metas ambientais estabelecidas pelo país, que visava alcançar a neutralidade de carbono até 2050.

3.2 RDA, FDA E A *OSTPOLITIK*

Derrotadas as tropas do Terceiro *Reich* ao final da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi fragmentada em quatro zonas de influência distribuídas aos vencedores do conflito. Conforme estabelecido durante a Conferência de Potsdam em 1945, o propósito dessa divisão era promover a desmilitarização, desnazificação, descentralização econômica e a reeducação do país, objetivando coibir a reestruturação do nazismo e garantir a manutenção da paz (DW, 2013).

No entanto, a divisão tinha motivações estritamente administrativas, não havendo intenção real de manter o país dividido permanentemente (ALLAN, 1989). Sendo assim, em 15 de setembro de 1949, as potências aliadas ocidentais – Estados Unidos, França e Reino Unido – optaram por unificar suas respectivas parcelas territoriais, dando origem à República Federal da Alemanha (RFA), também conhecida como Alemanha Ocidental ou República de Bonn. Em resposta, em 7 de outubro do mesmo ano, foi fundada a República Democrática Alemã (RDA ou Alemanha Oriental), que permaneceu como um Estado satélite da União Soviética até o fim dos anos 80 (DW, 2009).

Desta forma, a existência das duas Alemanhas se tornou um reflexo da dinâmica política global da época, caracterizada por uma profunda divisão ideológica entre o capitalismo e o socialismo. Consequentemente, o microcosmo político e social alemão tornou-se um terreno fértil para uma disputa propagandística típica da Guerra Fria (1947-1991).

Nesse contexto, entre 1948 e 1952, o Plano Marshall disponibilizou um total de 1,4 bilhões de dólares em auxílio financeiro para a reconstrução da Alemanha Ocidental (DW, 2013), visando acentuar as diferenças em relação à sua vizinha socialista, a RDA, e fortalecer a imagem positiva do sistema capitalista. Paralelamente, em 1953, a União Soviética devolveu à RDA mais de 200 instalações industriais tomadas como reparação de guerra, permitindo a reestruturação do país de tal modo que, apenas alguns anos depois, os demais membros do Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON) já dependiam significativamente da produção alemã-oriental (ALLAN, 1989).

A indústria alemã recuperou-se espetacularmente das ruínas da Segunda Guerra. Em duas décadas, a RFA era a terceira economia mundial e, em 25 anos, a RDA era a décima nação industrializada. Ambas destacaram-se na química e na engenharia mecânica e elétrica, e prosperaram com relativamente poucas matérias-primas. Desde a década de 1970, com a alta do preço do petróleo, ambas construíram usinas nucleares e ampliaram o uso de recursos naturais. (ALLAN, Tony. Nações do Mundo. Rio de Janeiro: Abril Livros Ltda. – 3ª Ed., 1991. Capítulo 1: pág. 13)

Em 1958, após um encontro do COMECON em Praga, foi idealizada a criação do oleoduto *Druzhba* (“Amizade”), que ligaria a Rússia a grande parte do Leste Europeu. Assim, cada país envolvido no projeto assumiu a responsabilidade pela construção da parte do oleoduto que passava por seu território, tornando-se proprietário daquele trecho após a conclusão das obras. Este projeto, finalizado em 1964, marcou o início dos empreendimentos energéticos no território onde hoje se localiza a Rússia, que passou a abastecer os países vizinhos (DW, 2022).

No entanto, a exportação de recursos energéticos não se restringiu aos aliados da União Soviética. Em 1970, como parte da política de aproximação com o leste (“*Ostpolitik*”), o então chanceler da República Federal da Alemanha (RFA), Willy Brandt, assinou um acordo histórico no qual concordou em expandir a *Transgas*, uma extensão do gasoduto *Soyuz*, que atravessava a atual República Tcheca e o estado alemão da Baviera.

Esse acordo, denominado "Tubos por gás", constituía uma parte integral de um pacto abrangente no qual as importações de gás natural provenientes da União Soviética eram compensadas com tubulações de aço de fabricação alemã-ocidental (DW, 2022). Desta forma, a partir de 1973, o gás soviético também passou a ser fornecido à Alemanha Ocidental.

Todavia, menos de duas décadas depois desse empreendimento, o mundo testemunhou as repercussões de dois eventos históricos que mudaram profundamente os rumos da política internacional: a queda do Muro de Berlim (1989) e o desmantelamento da União Soviética (1991). Embora os protestos viessem se alastrando pelo bloco socialista nos anos anteriores, levando à flexibilização de várias questões no leste, a abertura das fronteiras entre as duas Alemanhas ocorreu de forma abrupta e inesperada.

Na realidade, o acontecimento teve origem em uma falha de comunicação entre os líderes do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED) e a população. O objetivo original do governo da República Democrática Alemã (RDA) era anunciar medidas de flexibilização da burocracia relacionada à obtenção de vistos para viagens internacionais. Entretanto, devido

a um equívoco do porta-voz do SED, Günter Schabowski, durante uma conferência de imprensa, os cidadãos da Alemanha Oriental erroneamente acreditaram que as fronteiras seriam abertas de forma definitiva (BBC, 2019). Em virtude da euforia com a notícia, os berlinenses se reuniram em ambos os lados do muro e, em comemoração, o vandalizaram até a queda, culminando em uma situação que não pôde ser contida após a confirmação do erro.

Porém, apesar do inicial clima festivo, os meses subsequentes se desdobraram de maneira tumultuada à medida que eram organizados os trâmites para a reunificação, oficializada apenas no ano seguinte com a incorporação da RDA à República Federal da Alemanha. Em razão do novo contexto, em pouco tempo o padrão de vida no leste foi completamente alterado, levando, ao longo dos anos, à divergência de opiniões acerca do processo como um todo.

Portanto, para estabelecer uma visão mais abrangente acerca das dinâmicas da opinião pública alemã, usa-se como exemplo o filme “Adeus, Lenin”, que aborda, através da fictícia família Kerner, os sentimentos mistos vividos pelos alemães orientais após a queda do Muro de Berlim. Composta por Christiane Kerner (Katrin Sab), grande devota do regime socialista, e seus dois filhos, Alexander (Daniel Brühl) e Ariane (Maria Simon), a família oferece ao espectador um panorama não só do cotidiano da República Democrática da Alemanha (RDA), mas também das consequências da unificação.

Não coincidentemente, a história tem início no ano de 1989, durante o aniversário de 40 anos da RDA, quando a Sra. Kerner sofre um ataque cardíaco ao testemunhar a prisão de seu filho pela participação em uma manifestação a favor da abertura das fronteiras com o ocidente. Desta forma, logo no começo, a película apresenta a insatisfação de parcela da população com as medidas restritivas do regime socialista, e a brutalidade da repressão, incluindo cenas de violência policial contra manifestantes pacíficos.

No entanto, a história toma contornos agrídoces quando Christiane acorda de um coma de 8 meses, tendo perdido todos os acontecimentos históricos que se seguiram nesse período, como a queda do Muro de Berlim (1989) e o fim da RDA. Assim, sabendo da condição fragilizada da mãe e sua devoção ao regime, Alex assume a responsabilidade de manter vivo o estilo de vida oriental a fim de protegê-la de um possível estresse que agravasse a situação. Todavia, essa tarefa se torna cada vez mais difícil à medida que o capitalismo avança sobre o leste.

Em seguida, o filme passa a contrapor todas as novidades do estilo de vida capitalista, permeado pela pluralidade material e cultural, e a pacata vida na RDA. Assim, a direção de fotografia contrasta os supermercados estrangeiros, coloridos por dezenas de opções de produtos, com as prateleiras vazias e cinzentas das mercearias tradicionais, falidas pela competição esmagadora da lógica de mercado. Da mesma forma, os cidadãos da RFA são retratados com roupas mais reveladoras e pigmentadas, refletindo a liberdade cosmopolita ocidental, enquanto os antigos moradores da RDA trajam vestes monocromáticas, expressando certa melancolia com a nova vida.

Ademais, por vezes, os personagens idosos são utilizados para ressaltar a sensação de abandono e humilhação de parte da população oriental, discutindo como a unificação não foi particularmente favorável economicamente para o leste. Por consequência, conforme Alex se empenha em manter viva a mentira do triunfo da RDA, ele próprio passa a apreciar seu antigo estilo de vida e a compreender a dedicação de sua mãe à comunidade local.

Nesse sentido, a entrevista de Angela Merkel, ex-chanceler da Alemanha, ao jornal *Sueddeutsche Zeitung* traduz bem esse apego: "Os esforços da liberdade, de ter que decidir tudo, tiveram que ser aprendidos. A vida na RDA às vezes era quase confortável de uma certa maneira, porque havia algumas coisas que simplesmente não se podia influenciar" (REUTERS, 2019). De maneira muito similar, Klaus Schroeder, sociólogo e cientista político da Universidade Livre de Berlim, afirma que "muitos da antiga Alemanha Oriental ainda se sentem sem pátria, estrangeiros na Alemanha unificada. A vida na RDA era, simplesmente, mais fácil" (DW, 2014).

Esse saudosismo em relação à RDA é expresso por meio do termo "*ostalgie*" – junção das palavras "*ost*" (leste) e "*nostalgie*" (nostalgia) – dado sua frequência na sociedade alemã, mas não necessariamente evoca a vontade de retornar ao regime anterior. Grande parte da nostalgia se dá justamente por um passado comum, pois os alemães do leste veem além das lentes da política, para eles, a RDA foi parte de suas histórias pessoais.

Os produtos que estavam acostumados a consumir na infância, como bolinha de chocolate *Hallorenkugel* e pepinos *Spreewald*, simplesmente sumiram das prateleiras quando os mercados ocidentais assumiram o controle do comércio local; o mesmo ocorreu com a decoração e as vestimentas orientais, que foram desaparecendo das ruas ao longo dos meses. Como afirma Silke Rüdiger, proprietária de um hotel em Berlim que tenta manter vivo o estilo

de vida da antiga Alemanha Oriental, "As pessoas gostam de recordar seu antigo cotidiano. Para elas, não era algo negativo. Mas muito desapareceu com a queda do Muro" (DW, 2014).

Sendo assim, como apresentado em "Adeus, Lenin", muitos cidadãos da antiga RDA sentiram uma sensação de insegurança quando os "ventos da mudança" derrubaram o Muro de Berlim e a URSS, levando consigo toda a realidade que essas pessoas vivenciaram por 41 anos. É verdade que a divisão da Alemanha separou famílias e isolou o leste do país, o regime era repressivo com seus críticos e a polícia alemã de fato era bastante brutal, mas, como dito anteriormente, é possível (e até comum) que a população prefira a sensação de segurança à realidade (Mitzen, 2006).

Desta forma, tendo em mente as cenas que mostram a vivência de Christiane Kerner na comunidade local durante o regime socialista, é possível compreender o apego que uma parcela considerável dos alemães orientais sentiam por seu estilo de vida pacato e sociável, ainda que almejassem maior liberdade.

Ainda hoje, há uma cisão entre o leste e o oeste da Alemanha, descrita como uma "fronteira invisível" que mantém a população dividida em níveis sociais e culturais. Segundo Dalia Marin, professora de economia da Universidade de Munique e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Economia e Política (CEPR), muitos alemães orientais se sentiram julgados como inferiores por seus vizinhos do oeste, levando a uma sensação de desamparo pelo leste. Além disso, alguns alemães orientais, como Christine Ludwig (ex-cidadã da RDA), afirmam terem tido dificuldade de adaptação à lógica capitalista, pois sentiram que o regime promovia a solidão e o egoísmo. (BBC, 2019).

Apesar dos inegáveis avanços na direção da igualdade, o lado oriental da Alemanha ainda apresenta grandes áreas rurais e índices mais elevados de desemprego, chegando a 6,6% em comparação aos 4,7% registrados em 2019 na região ocidental, que é cinco vezes mais populosa. Além disso, a renda média no leste é menor, alcançando 2.690 euros, enquanto os vizinhos do oeste recebem em média 3.330 euros. A discrepância também é evidente na concentração de grandes empresas, uma vez que apenas três das 50 mais importantes do país estão localizadas no lado oriental (BBC, 2019).

Essa realidade contribuiu para a sensação de revolta no leste alemão, onde, não coincidentemente, se localizam os maiores redutos de extrema-direita do país. A título de exemplo, hoje, cidadãos da antiga RDA têm duas vezes mais probabilidade do que os da RFA

de ter uma opinião favorável do partido populista de direita do país, Alternativa para a Alemanha (AfD) (PEW RESEARCH CENTER, 2019), provavelmente por fruto desse sentimento de traição devido às promessas não cumpridas pelo governo e pelo próprio sistema capitalista. Sensação que também está descrita em “Adeus, Lenin”, através do personagem do cosmonauta Sigmund Jähn, que passa de um símbolo da glória nacional durante a RDA para um simples taxista na Alemanha unificada, espelhando a queda dos símbolos que constituíam o regime socialista e a angústia dos cidadãos que sentiram ter “ficado para trás” nesse novo mundo capitalista.

Não devemos esquecer, ademais, que a educação doutrinária do partido socialista também desempenhou um grande papel no persistente sentimento pró-Rússia no leste da Alemanha, ainda que não exista mais URSS ou RDA. A partir de 1974, conforme a proposta do Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED) em seu VIII Congresso, os currículos acadêmicos da Alemanha Oriental passaram a incluir "educação ideológica" em todos os cursos e a língua russa era obrigatória para todas as crianças a partir da quinta série. (LAWRENCE, 1985).

Atualmente, a Alemanha unificada tem pouco mais de 30 anos e os laços culturais com a Rússia seguem visíveis inclusive entre os próprios governantes de ambos os países, tornando-se um importante ponto a ser analisado.

Nos anos 80, Vladimir Putin, então agente da KGB, foi designado para o seu primeiro posto no exterior, estabelecendo-se na cidade de Dresden, na antiga República Democrática Alemã, onde permaneceu até 1990, após a queda do Muro de Berlim (RUSSIA BEYOND, 2017). Na época, Putin já era fluente em alemão, mas teve a oportunidade de aperfeiçoar o idioma durante os cinco anos em que esteve na RDA. Mais tarde, em setembro de 2001, já ocupando o cargo de presidente, Putin chegou a discursar em alemão no Bundestag (parlamento da Alemanha) como forma de reafirmar os laços entre os dois países.

“Estou sinceramente grato por esta oportunidade de falar no Bundestag. Esta é a primeira vez que um chefe de estado russo tem tal oportunidade em toda a história das relações russo-alemãs. E essa honra que me foi concedida hoje só reafirma o interesse mútuo da Rússia e da Alemanha no diálogo. [...] A Rússia sempre teve sentimentos especiais pela Alemanha e considerou o seu país um dos principais centros da cultura europeia - uma cultura para cujo desenvolvimento a Rússia também fez uma contribuição significativa, uma cultura que não conheceu fronteiras e sempre foi um bem comum nosso e um fator de aproximação dos povos. É por isso que hoje tomarei a liberdade de entregar a parte principal da minha mensagem na língua de Goethe, Schiller e Kant, ou seja, na língua alemã” (RÚSSIA. President of

Russia. Speech in the Bundestag of the Federal Republic of Germany, 2001. Tradução nossa).²

De maneira similar, a ex-chanceler alemã, Angela Merkel (2005-2018), como a maioria dos jovens da RDA, foi alfabetizada tanto em alemão quanto em russo, podendo se comunicar com Putin em qualquer uma das duas línguas sem ajuda de tradutores simultâneos na sala de reunião. No entanto, essa proximidade linguística, cultural e geográfica não foi o suficiente para aprofundar os laços entre os dois governantes, que mantinham uma relação, na melhor das hipóteses, cordial. Muito diferente disso foi o relacionamento entre Vladimir Putin e o antecessor de Merkel, Gerhard Schröder, sendo essa sim uma relação estreita, atingindo, inclusive, contornos pessoais ao longo dos anos (DW, 2018).

Putin, por exemplo, esteve presente em Hanôver (Alemanha) para a celebração privada do aniversário de 60 anos de Schröder e, em outra ocasião, eles viajaram juntos para Moscou durante as festividades de Natal para passear de trenó. Ademais, Schröder já afirmou publicamente manter amizade com o presidente russo, embora tenha reiterado que essa relação não influencia suas posições políticas (DW, 2022).

No entanto, dada a complexidade do tema, a análise das interações entre os governantes da Rússia e da Alemanha e o impacto de suas perspectivas pessoais na política de seus respectivos países é um tema que será melhor abordado no capítulo 2 do presente trabalho.

3.3 INSTITUCIONALISMO ALEMÃO

² I am sincerely grateful for this opportunity to speak in the Bundestag. This is the first such opportunity for a Russian head of state in the entire history of Russian-German relations. And this honor granted to me today only reaffirms the mutual interest of Russia and Germany in dialogue. [...] Russia has always had special sentiments for Germany, and regarded your country as one of the major centres of European culture – a culture, to the development of which Russia has also made a significant contribution, a culture which has known no borders and has always been our common asset and a factor of bringing peoples together. That is why today I will take the liberty of delivering the main part of my message in the language of Goethe, Schiller and Kant, in the German language.

Até o ano de 2022, a Rússia era responsável por fornecer à Europa cerca de 45% do seu suprimento de gás natural, 45% do carvão e 25% do petróleo. Além disso, em 2021, o petróleo e o gás corresponderam a quase metade do total das exportações de mercadorias da Rússia (CNN, 2022).

Nesse mesmo contexto, até 2022, a Alemanha era o ator europeu mais importante para a Rússia. Em 2020, o país absorveu quase 20% de todas as suas exportações de gás natural russo, sendo, tranquilamente, seu maior cliente, ao passo que essas importações preenchiam cerca de metade da demanda energética alemã (DW, 2022). Entretanto, à medida que o governo do presidente Vladimir Putin intensificou sua repressão, surgiu um acalorado debate na Alemanha sobre o equilíbrio entre valores e interesses nas negociações com a Rússia (SZABO, 2013).

A partir da deflagração da Guerra da Ucrânia em fevereiro de 2022, uma das principais vias de pressão da Rússia diante das sanções ocidentais foi a redução do fluxo de gás para a Europa, além do aumento dos preços de exportação de combustível. Essas medidas causaram impactos negativos no continente, contribuindo para crises de abastecimento e um cenário de inflação na região (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

Todavia, seria errôneo associar o crescimento da dependência alemã a um suposto excesso de confiança dos governantes alemães na boa-vontade de Vladimir Putin para com a manutenção da paz no continente europeu. Muito mais próximo da realidade seria afirmar que a Alemanha adotou como estratégia apostar nos laços de interdependência para controlar os avanços de Putin em direção a seus vizinhos, mas foi surpreendida pela persistência do presidente russo em expandir sua influência pela Europa, mesmo que a custo da estabilidade econômica de seu país.

Segundo a Teoria da Interdependência Complexa de Robert Keohane e Joseph Nye, as relações internacionais são caracterizadas por múltiplas formas de interdependência entre os atores, que vão além das dimensões militares e econômicas tradicionais. Segundo essa teoria, os estados estão interligados em uma rede complexa de relações, que envolvem não apenas questões de segurança e economia, mas também aspectos sociais, culturais e políticos. Além disso, a interdependência cria incentivos para a cooperação, pois ações unilaterais podem resultar em efeitos indesejáveis para os próprios atores (KEOHANE & NYE, 1977).

Desta forma, o propósito das instituições internacionais é, como afirma Woodrow Wilson, “transformar a selva internacional em um zoológico” (JACKSON & SØRENSEN,

1999), as quais servem de mecanismos para a facilitação das trocas entre nações. Dessa forma, quanto mais interconectado um país estiver com os demais, mais custoso seria tomar decisões que desafiem a ordem internacional estabelecida. Nesse sentido, sanções e embargos se tornariam mais eficazes à medida que a interdependência aumentasse, diminuindo os ganhos relativos de, por exemplo, realizar uma anexação territorial, que certamente seria seguida por represálias dos outros atores internacionais.

Sob um ponto de vista parecido, Egon Bahr, arquiteto da *Ostpolitik* de Willy Brandt, advogava pela aproximação com a Rússia (à época, URSS), não por preferência pessoal pelo regime de Moscou, mas com base na premissa de que um fortalecimento dos laços econômicos resultaria em abertura política e social (DW, 2022). Por meio dessa aproximação com o leste, Bahr pôde negociar, por exemplo, acordos para a flexibilização das fronteiras entre a RDA e a RFA, permitindo que os habitantes da Berlim Ocidental visitassem seus parentes no leste durante os feriados. Além disso, mais tarde, o governo de Brandt foi capaz de normalizar as relações com os países-membro do bloco socialista, medida foi fundamental para garantir a segurança da Alemanha Ocidental, que estava localizada geograficamente próxima dos territórios aliados à URSS (MARSCHALL, 2022).

Todavia, apesar de parecer, à primeira vista, uma política amigável, Bahr nunca negou o interesse estratégico por trás do projeto da *Ostpolitik*. Em certa ocasião, afirmou inclusive: "A política internacional nunca é sobre democracia ou direitos humanos. É sobre os interesses dos Estados. Lembrem-se disso, não importa o que lhe digam na aula de história". Ele manteve sua posição sobre a importância da aproximação com o leste mesmo após a queda da URSS em 1991, e a defendeu até sua morte, em 2015 (DW, 2022).

Essa lógica também persistiu por anos entre os demais políticos alemães, sendo possível, inclusive, percebê-la em muitos discursos políticos no país. A título de exemplo, em 2013, o então ministro de Relações Exteriores da Alemanha, Guido Westerwelle (FDP), afirmou em uma conferência que:

“As pessoas às vezes acusam o Ocidente de tentar impor seus valores à Rússia. Essa acusação é infundada e até perigosa, pois posiciona a Rússia fora do sistema europeu de valores. No Conselho da Europa e na OSCE, comprometemo-nos conjuntamente com estes valores europeus. O presidente Putin reiterou repetidas vezes que a Rússia tem uma perspectiva europeia. Devemos acreditar em sua palavra. A paz, a liberdade e a prosperidade assentam nos nossos valores europeus. E é por isso que prosseguir e reforçar uma parceria estratégica entre a UE e a Rússia continua a ser a coisa certa a fazer. Nosso continente só pode desfrutar de paz e prosperidade se europeus e russos estiverem abertos uns aos outros. A Rússia foi o país parceiro na Hannover Messe deste ano. No ano passado, o volume do nosso comércio bilateral atingiu um recorde de mais de 80 bilhões de euros. Há potencial para ainda mais. O intercâmbio

econômico se desenvolverá tanto mais fortemente quanto mais propícias forem as condições estruturais para ele. Trata-se, antes de tudo, do Estado de Direito e de um comportamento transparente e coerente por parte das autoridades.” (ALEMANHA. Ministério de Relações Exteriores. Speech by Foreign Minister Guido Westerwelle at the German-Russian NGO conference. 2013. Tradução nossa).³

Estabelecida essa lógica, é possível compreender por que a chanceler Angela Merkel e seu ministro das Relações Exteriores, Frank-Walter Steinmeier, ex-chefe de gabinete de Schröder, mantiveram canais de comunicação abertos com Moscou. Assim, durante a crise ucraniana de 2014, Merkel provavelmente teve mais contato direto com Putin do que qualquer outro líder ocidental, o que pode ser atribuído à crença de que um diálogo contínuo poderia evitar mal-entendidos que pudessem levar a um conflito. Além disso, Merkel também buscou preservar os interesses comerciais das empresas alemãs na Rússia (CHANG, 2014).

Ademais, a própria população alemã apoiava essa abordagem, preferindo ver seu país como um mediador na crise entre a Rússia e o Ocidente, em vez de um partidário dela. Desta forma, a *Ostpolitik* continuou uma realidade na Alemanha, mesmo após a queda de Brandt.

Todavia, à luz dos recentes acontecimentos em relação à Rússia, o atual líder do Partido Social Democrata (SPD) alemão, Lars Klingbeil, chegou a afirmar que: "Mudança através do comércio' era a ordem do dia. Este conceito falhou" (DW, 2022), mas seria anacrônico pensar que os indícios dessa falha estavam claros desde o início. Apenas analisando em retrocesso seria possível compreender como todas as dinâmicas apresentadas no presente artigo convergiriam na situação atual do cenário internacional.

Ademais, muito embora já fosse possível criticar a crescente dependência alemã em razão da desconfiança quanto à sua parceira comercial, a Rússia, como exposto acima, não seria correto (ou justo) resumir a estratégia adotada pela Alemanha desde os anos 70 a uma convicção cega.

³ “People sometimes accuse the West of trying to impose its values on Russia. This accusation is unfounded, and even dangerous in that it positions Russia outside the European system of values. In the Council of Europe and in the OSCE, we have committed ourselves to these European values together. President Putin has time and again reiterated that Russia has a European outlook. We should take him at his word. Peace, freedom and prosperity are built on our European values. And that is why pursuing and enhancing a strategic partnership between the EU and Russia remains the right thing to do. Our continent can only enjoy peace and prosperity if Europeans and Russians are open to one another. Russia was the partner country at this year’s Hannover Messe. Last year, the volume of our bilateral trade reached a record high of more than 80 billion euros. There is potential for yet more Economic exchange will develop all the more strongly the more conducive framework conditions for it are. These are, first and foremost, the rule of law and transparent and consistent behaviour on the part of the authorities”.

4 A TEIA DE INTERESSES ENTORNO DO PROJETO DO NORD STREAM 2

4.1 INTERESSES ESTRATÉGICOS

Como já citado, até 2022, a Alemanha manteve uma relação de proximidade com a Rússia que supera a de qualquer outra grande nação europeia nos últimos anos (THE WASHINGTON POST, 2017). Além das conjecturas previamente apresentadas, essa afinidade pode ser atribuída também a fatores geográficos, levando em consideração a curta distância entre as duas nações. A título de exemplo, vale ressaltar que a distância entre Moscou e Berlim é de apenas cerca de 2 mil quilômetros, consideravelmente menor do que a separação geográfica existente entre Manaus e São Paulo, ou Brasília e Porto Alegre.

Ademais, o território russo é historicamente considerado estratégico, dada a abundância de recursos naturais na região e sua localização vantajosa, permitindo acesso tanto à Ásia quanto à Europa. Essas características foram ressaltadas por Halford Mackinder (1861-1947) em *The Geographical Pivot of History* (1904), obra que desempenhou um papel significativo na compreensão da geopolítica mundial no início do século XX.

A teoria apresentada nesse livro postula que o controle do *Heartland* – uma extensa região central na Eurásia, que compreende principalmente a Rússia e países vizinhos – é um elemento fundamental para alcançar o domínio geopolítico global. Mackinder enfatizou a importância estratégica do acesso terrestre a essa área, defendendo que o controle dela, juntamente de seus recursos naturais e população, confere uma vantagem estratégica significativa aos detentores do território. Dessa forma, aqueles que conseguissem controlar o *Heartland* teriam a capacidade não apenas de dominar o continente euro-asiático, mas também de exercer influência sobre o mundo como um todo (VESENTINI, 2016).

Posteriormente, Karl Haushofer (1869-1946), valendo-se das ideias de Mackinder, adaptou-as à perspectiva alemã. Desta forma, enquanto Mackinder (britânico) apontava para o perigo de uma aliança entre o Império Alemão e o Império Russo – que, juntos, poderiam tomar o controle do *Heartland* –, Haushofer (alemão) via a aliança como uma oportunidade de fazer frente ao poderoso Império Britânico. Desse modo, Haushofer minimizava as

diferenças entre o comunismo e o nazismo, descrevendo como uma “aliança natural” a colaboração entre os dois países (VESENTINI, 2016).

No entanto, embora Haushofer tenha interpretado essa dinâmica entre as duas potências regionais como uma oportunidade de cooperação, as relações com a Rússia sempre estiveram permeadas por um sentimento agridoce, pois o país poderia representar tanto um grande aliado quanto um perigoso inimigo. Desta forma, para a Alemanha, manter laços amistosos com os russos é, antes de tudo, uma questão de sobrevivência.

Todavia, à medida que as relações comerciais entre os dois países se aprofundaram, constatou-se que a proximidade geográfica não se resumia a um perigo constante de invasão por terra, ou à uma promissora aliança militar, mas também representava uma oportunidade mercantil, dada a facilidade de trocas comerciais a curta distância. Assim, os governantes alemães logo perceberam a possibilidade de ganhos através do abastecimento interno e redistribuição de fontes energéticas russas – principalmente o gás natural – para outros países do continente europeu.

Além disso, tendo em vista o aumento da demanda europeia por gás natural frente à queda da produção do recurso nos principais fornecedores da região, como a Noruega, Reino Unido e Holanda, (LILKOV & FREUDENSTEIN, 2018) a logística envolvendo a criação de um novo gasoduto conectado à Rússia era mais palpável a longo prazo do que aumentar as importações de gás liquefeito (cujo preço costuma ser mais elevado) dos Estados Unidos.

Desta forma, surgiu o projeto do *Nord Stream*, um gasoduto que estabeleceria uma conexão direta entre a Rússia e a Alemanha através do Mar Báltico. Essa iniciativa, entre outras consequências, acarretaria na queda do preço final do gás natural russo, que não mais passaria pelas rotas estabelecidas durante a URSS.

Nesse sentido, cabe salientar de que, como citado anteriormente, grande parte dos projetos do bloco socialista para a criação gasodutos e oleodutos transnacionais tinham seus custos divididos entre as partes, sendo responsabilidade de cada país envolvido no projeto assumir a construção do segmento que passava por seu território, tornando-se proprietário daquele trecho após a conclusão das obras. Desta forma, detinham também o poder de aplicar taxas dentro de suas fronteiras, aumentando o preço final do produto (DW, 2022).

Assim, a vantagem estratégica do projeto *Nord Stream* para a Alemanha estava diretamente relacionada ao fato do gasoduto não possuir interceptores. Ademais, quando concluído, o NS2 teria o dobro da capacidade do NS1, levando a uma diminuição considerável do preço do gás em razão do aumento da oferta. Além disso, traria maior segurança energética, pois a nova rota não passaria por regiões geopoliticamente conflituosas como a Ucrânia, questão que já vinha sendo sucessivamente discutida ao longo dos anos.

Desde a década de 1990, a estatal russa Gazprom mostrou-se interessada em evitar que o fornecimento de gás para a Europa passasse pelo território ucraniano, não apenas devido à infraestrutura precária do país vizinho, como também por razões geopolíticas. Assim, em 1994 foi construído o gasoduto *Yamal*, cujo abastecimento começou em 1999 e atingiu capacidade máxima em 2006, conectando os campos de gás siberianos com a Alemanha através de Belarus e da Polônia (DW, 2022).

Posteriormente, em 2012, com a finalização do gasoduto *Nord Stream 1*, a Alemanha finalmente estabeleceu uma rota direta com a Rússia, possibilitando evitar tarifas e áreas de potencial conflito, muito embora o projeto tenha sido amplamente criticado. Mais tarde, a situação se agravou ainda mais em razão do anúncio do início das obras para a construção do *Nord Stream 2*, que havia ficado arquivado por uma década.

A desconfiança em relação à administração de Vladimir Putin e os impactos econômicos negativos que o gasoduto causaria para os países bálticos (que deixariam de ganhar com a redistribuição do gás russo), levou muitos membros da União Europeia e os Estados Unidos a questionarem a viabilidade do projeto (LILKOV & FREUDENSTEIN, 2018). Ainda assim, contrariando todos os protestos, o governo alemão seguiu com as obras do NS2, que deveriam ser finalizadas em 2022.

Em resposta, o Congresso dos Estados Unidos aprovou um pacote de sanções contra todas as empresas envolvidas no projeto, e a medida foi sancionada em dezembro de 2019 pelo então presidente do país, Donald Trump (G1, 2019). Nesse contexto, os EUA alegaram que o NS2 aumentaria a dependência energética europeia em relação à Rússia, diminuindo a capacidade de resposta do bloco diante eventuais avanços de Putin, e também apontaram que o projeto enfraqueceria os países dependentes das taxas de trânsito do gás, como Polônia e Ucrânia.

Ademais, como postulado no artigo “*Nord Stream 2 and the Energy Security Dilemma*” de Maria Shagina e Kirsten Westphal, a contínua oposição ucraniana à construção do *Nord Stream 2* estava associada principalmente à segurança nacional, muito embora os fatores econômicos também fossem uma preocupação. Desta forma, uma vez que o gasoduto estivesse operante, temia-se que a Rússia diminuísse o fluxo de gás que passa pelo território da Ucrânia, levando o país a uma perda de aproximadamente \$1,5 a 3 milhões de dólares por ano (SHAGINA & WESTPHAL, 2021). No entanto, a ameaça à segurança do país era ainda maior, temendo-se que o aumento da influência russa na Europa diminuísse o resguardo de Moscou em realizar uma invasão completa à Ucrânia, situação que acabou por se confirmar em fevereiro de 2022. Por outro lado, anteriormente, do ponto de vista russo, a Ucrânia também representava uma ameaça à segurança nacional. Assim, enquanto os ucranianos sempre temeram uma invasão da potência vizinha (que é militarmente superior), os russos argumentavam que o possível ingresso da Ucrânia na União Europeia e/ou na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tornaria o país uma ameaça.

Portanto, para eles, uma invasão à Ucrânia configuraria um ataque preventivo por parte da Rússia (STAUN & GÖTZ, 2022). Mas essa afirmação era rebatida pelos ucranianos sob o argumento de que o receio de um conflito tão belicamente desigual era exatamente o que levava o país a procurar o auxílio de atores ocidentais (SHAGINA & WESTPHAL, 2021).

Sendo assim, naquele ponto, o impasse era um caso clássico de dilema de segurança, com os dois lados acusando simultaneamente o outro de ameaçar a paz. Desta forma, até fevereiro de 2022, a crença no temor mútuo serviu de escudo para que potências europeias não tivessem de se posicionar de maneira mais incisiva.

Porém, nesse contexto, cabe ressaltar que os países ocidentais (incluindo a Alemanha) aplicaram sim sucessivas sanções à Rússia ao longo dos anos, principalmente após a anexação da Crimeia em 2014 (GROSS, 2016). Todavia, essas políticas não evoluíram para medidas mais eficazes e, embora estremecidas, as relações com a Rússia continuaram em outras áreas.

Nesse sentido, é possível argumentar que talvez parte da inércia da Alemanha em relação ao comportamento errático de Putin ao longo dos anos possa estar relacionado aos interesses econômicos alemães no país. De fato, com um investimento de aproximadamente 10 bilhões de euros no projeto do *Nord Stream 2*, era evidente que haveria resistência em

abandoná-lo, mesmo com a aplicação de sanções por parte dos Estados Unidos. No entanto, a Alemanha não foi a única em hesitar na resposta contra Putin e isso pode ser associado, em certa medida, ao excesso de cautela.

A reação contida por parte do Ocidente não é necessariamente atribuível ao egoísmo realista, que prioriza a autoproteção acima de tudo, nem tampouco ao enrijecimento político decorrente da dependência energética. Na realidade, a relutância em impor medidas mais severas pode estar relacionada à incerteza que permeia a linha tênue entre um conflito diplomático e um conflito armado.

Assim, talvez seja anacrônico pensar que as potências regionais deveriam ter adotado uma postura mais rigorosa, uma vez que todas as ações até então tinham como objetivo evitar a disseminação do conflito para outros países e, nesse sentido, uma posição demasiadamente assertiva poderia dificultar as negociações. Portanto, não se pode descartar a possibilidade de que a moderação europeia em relação à Rússia estava fundamentada pelo pensamento liberal, levando ao esforço para uma resolução diplomática por meio da continuidade das relações com o país.

Da mesma forma, embora a Alemanha de fato tenha tentado resguardar os próprios interesses, seu posicionamento não pode ser condenado em todas as instâncias, tendo em vista que os governantes alemães não poderiam agir sob a suposição de um conflito futuro em uma questão tão custosa ao Estado alemão. Os projetos envolvendo os gasodutos NS1 e NS2 já estavam em discussão desde o início do ano 2000, ao passo que os avanços de Putin sobre seus vizinhos datam de quase uma década depois.

Além disso, em 2019, quando os Estados Unidos passaram a aplicar sanções contra o projeto, o gasoduto do já estava 80% concluído (G1, 2019), representando, como já citado, a perda de quase 10 bilhões de euros em investimentos caso a construção fosse descontinuada. Correlativamente, dificilmente a opinião pública aceitaria a decisão de bom-grado tendo vista o tamanho da perda monetária sem, até então, uma justificativa plausível para isso.

Em suma, a relação entre Alemanha e Rússia não pode ser resumida em apenas uma esfera, seja econômica, militar ou geográfica, tampouco é possível explicar o comportamento desses países de maneira linear. Tal fato se deve à influência de um amplo conjunto de variáveis no processo interno de tomada de decisão dos Estados, cuja importância relativa varia.

4.2 CORRUPÇÃO E INTERESSES PESSOAIS

Nos anos 2000, sob a administração de Gerhard Schröder (1998-2005), como já citado anteriormente, a aproximação entre a Alemanha e a Rússia adquiriu contornos personalistas, dada sua afinidade com Vladimir Putin. Tendo em vista a natureza íntima dessa relação, que parecia transcender a esfera política e adentrar no contexto pessoal, por muito tempo, houve o temor de que o bom relacionamento entre os dois países seria perdido com a saída de Schröder do cargo (FORSBERG, 2016).

No entanto, o que até então poderia ser encarado como uma amizade entre líderes de Estado, tornou-se uma questão bastante polêmica quando, faltando apenas alguns dias para o fim de seu mandato, Gerhard Schröder, o então chanceler alemão, assinou às pressas o acordo que aprovou a construção do *Nord Stream 2*. Não obstante, apenas alguns meses depois, Schröder se tornou chefe do comitê de acionistas da empresa que administraria o projeto, a *Nord Stream 2 AG* (THE WASHINGTON POST, 2017). E, mais tarde, juntou-se ainda à diretoria da empresa da petrolífera russa Rosneft, cargo que foi pressionado a deixar em 2022 em razão da escalada do conflito na Ucrânia.

Assim, a partir de 2005, com a vitória de Merkel nas urnas, a relação entre os dois países passou por algumas provações (sobretudo na esfera pessoal), principalmente em razão do comportamento errático de Putin para com a nova chanceler alemã. Nesse sentido, destaca-se a ocasião em que o presidente russo, ciente da fobia de Angela Merkel por cães, levou Konni, sua labradora preta, para a sala de reuniões durante seu encontro com a chanceler em Sochi (2007). Apesar do desconforto, Merkel, ainda que tenha confessado não confiar no presidente russo, manteve a tradição alemã de aproximação com a Rússia, muito embora de maneira mais fria do que a observada nas administrações anteriores (FORSBERG, 2016).

Vencidos os obstáculos iniciais, Angela Merkel se estabeleceu no cargo por quatro mandatos consecutivos (2005, 2009, 2013, 2017), tornando-se a 2º chanceler mais longeva da Alemanha desde Otto Von Bismarck, e perdendo apenas para seu mentor, Helmut Kohl (CDU). Foi apenas em 2018, após liderar a Alemanha por quase duas décadas, que Merkel

anunciou que não concorreria nas próximas eleições e, mais tarde, manifestou seu apoio à candidatura de Armin Laschet, líder do CDU, contra Olaf Scholz (SPD) e Annalena Baerbock (Aliança 90/Verdes) para o cargo de chanceler.

Todavia, apesar de ter deixado o governo com alta popularidade, Merkel não foi capaz de eleger Armin Laschet como seu sucessor, marcando o fim da liderança da União Democrata-Cristã (CDU) na Alemanha. Além disso, a posse de Olaf Scholz, do Partido Social-Democrata, em dezembro de 2021, reacendeu a perspectiva de retomada das políticas favoráveis à Rússia, dado o histórico do SPD em relação ao Kremlin, mas tal possibilidade não obteve vazão tendo em vista os acontecimentos que vieram em seguida.

Olaf Scholz foi, desde a posse, confrontado pelo avanço de Putin sobre a Ucrânia, o qual vinha há meses mobilizando tropas na fronteira vizinha. Assim, inevitavelmente, a partir da eclosão da guerra, como membro do Partido Social-Democrata, recaiu sobre Scholz a pressão para a reformulação das políticas do SPD em relação à Rússia.

Atualmente, segundo a *Die Zeit*, o partido apresenta uma divisão em quatro grupos principais. O primeiro é composto pelos apoiadores incondicionais de Olaf Scholz, que geralmente são os membros mais antigos e conservadores do partido. Em seguida, há os defensores da política de *détente*, de Willy Brandt, que adotam uma abordagem diplomática e rejeitam o uso da força militar, apesar de reconhecerem o governo de Putin como um regime ditatorial. Os ambientalistas formam o terceiro grupo, defendendo o equilíbrio entre dissuasão e cooperação, especialmente no que se refere à questão climática, sem a intenção de interromper todos os contatos com a Rússia. Por fim, há o grupo dos membros mais jovens do partido, que concentram suas preocupações nas questões de direitos humanos e parecem se limitar a elas (ZEIT, 2022).

Assim, é necessário salientar ao leitor que, no período de formulação deste artigo, Olaf Scholz ainda lidava tanto com a questão energética quanto com a crise no próprio partido, mas o tópico não foi abordado neste trabalho dada a atualidade do tema e, conseqüentemente, a carência de informações confiáveis sobre o assunto. Em vez disso, este artigo focou-se noutras questões políticas, estratégicas e ideológicas que levaram à crescente dependência energética alemã.

Além de Schröder, outros membros do governo foram acusados de favorecer o Kremlin ao longo dos anos, sendo a maioria pertencente ao Partido Social-Democrata (SPD)

alemão. Entre eles, destaca-se a primeira-ministra do estado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, Manuela Schwesig (SPD), suspeita de viabilizar políticas para burlar possíveis sanções ambientais ao projeto da NS2.

Em janeiro de 2021, o governo de Schwesig criou a *Klima-und Umweltschutz MV*, que, embora alegadamente fosse uma organização para a proteção do meio ambiente, apoiou ativamente a construção do gasoduto (TRANSPARENCY INTERNATIONAL, 2022). Em seu estatuto, a fundação estabelecia, além de atividades filantrópicas e projetos ambientais, um braço comercial cuja diretoria seria nomeada pela empresa *Nord Stream 2 AG*, que também mantinha controle significativo sobre os fundos da organização (REUTERS, 2022).

Desta forma, como afirmou o Ministro do Interior, Construção e Digitalização de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, Christian Pegel, a fundação comprava antecipadamente e mantinha armazenados materiais e equipamentos para empresas interessadas em participar da construção do gasoduto como forma de burlar sanções impostas pelos Estados Unidos (FINANCIAL TIMES, 2021). Como resultado, em 17 de maio de 2022, diante das polêmicas, o governo de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental decidiu encerrar completamente as atividades da *Klima-und Umweltschutz MV* até setembro do mesmo ano.

Assim, Stephan K. Ohme, especialista financeiro da Transparency Germany, afirma:

“Uma organização que alega proteger o clima e o meio ambiente, mas na verdade está apoiando abertamente as atividades comerciais de uma empresa estatal russa – para construir um gasoduto e contornar as sanções internacionais – está abusando de sua designação legal como base. Além disso, esta Fundação oculta seu verdadeiro controle e estrutura de propriedade, provavelmente em violação da Diretiva de Combate à Lavagem de Dinheiro da UE e da lei alemã. É muito preocupante que o governo do estado, a Fundação e a Administração Federal tenham ignorado nosso apelo, especialmente diante do atual clima político” (TRANSPARENCY INTERNACIONAL, 2022. Tradução nossa).⁴

Diante dos fatos expostos, a Agência Ambiental Alemã (DUH) empreendeu duas ações legais contra a fundação. A primeira delas foi instaurada nos tribunais alemães, fundamentada na alegação de que a *Klima-und Umweltschutz MV* não deveria ser reconhecida

⁴ “An organisation that claims to protect the climate and environment but is in fact openly supporting commercial activities of a Russian state-owned company – to build a gas pipeline and bypass international sanctions – is abusing its legal designation as a foundation. Furthermore, this Foundation conceals its true control and ownership structure, likely in violation of the EU Anti-Money Laundering Directive and German law. It is very concerning that the state government, the Foundation and the Federal Office of Administration have ignored our appeal, especially given the current political climate.”

como uma fundação pública, sujeita a regulamentações mais flexíveis de supervisão e transparência, porque 99% de seu financiamento foi proveniente de um projeto de propriedade da Gazprom, uma estatal russa. Em seguida, segunda ação consistiu em uma queixa formal apresentada pelo DUH à Comissão Europeia, sustentando que um projeto de caráter público que promove os interesses de uma empresa (no caso, a *Nord Stream 2 AG*) viola as regulamentações relativas a auxílios estatais.

Nesse sentido, Marcel Dirsus, membro não residente do Instituto de Políticas de Segurança da Universidade de Kiel, afirma:

"A Rússia conseguiu usar os interesses pessoais de figuras políticas alemãs proeminentes contra a Alemanha. Tudo isso é duplamente perigoso para a Alemanha: permite que uma potência estrangeira adversária influencie a tomada de decisões e levanta questões sobre a confiabilidade da Alemanha entre os aliados do país."(REUTERS. How a German state helped Moscow push a pipeline, weakening Ukraine. Tradução nossa).⁵

Desta forma, o alinhamento com o Kremlin rendeu a alguns líderes alemães benefícios pessoais em detrimento dos interesses do Estado alemão. Schröder, graças à sua amizade com Vladimir Putin, obteve cargos de alto escalão em empresas envolvidas em projetos de grande magnitude, recebendo milhões de euros para promover os interesses energéticos russos (NEW YORK TIMES, 2022).

Manuela Schwesig, por outro lado, pode ter buscado obter ganhos políticos, uma vez que a conclusão do gasoduto *Nord Stream 2* seria altamente vantajosa economicamente para o estado que ela governa, a Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, possivelmente impulsionando a aprovação de seu governo pela população local. Ademais, é importante ressaltar que ainda não é possível descartar a possibilidade de existirem outros ganhos não descobertos relacionados à primeira-ministra.

Em resumo, a concepção realista de que os estadistas agem racionalmente em busca dos objetivos do Estado – citada nos capítulos anteriores – nem sempre é justificada na prática, sendo relativamente frequente que políticos priorizem seus próprios interesses em detrimento dos interesses do Estado. No entanto, esses benefícios pessoais não estão

⁵ "Russia has succeeded in using the personal interests of prominent German political figures against Germany. All this is doubly dangerous for Germany: It allows an adversarial foreign power to influence decision-making and it raises questions about Germany's reliability among the country's allies."

exclusivamente ligados a ganhos financeiros, mas também podem estar relacionados ao aumento do próprio de prestígio ou ganhos políticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirma Liana Fix em *“The Different ‘Shades’ of German Power”*, desde a reunificação alemã pós-Segunda Guerra Mundial, a Alemanha gradualmente reconstruiu sua posição como potência mundial, inclusive tornando-se a economia de maior peso da União Europeia (FIX, 2018). Desta forma, especialmente após o anúncio do Brexit (2016), esperava-se que a Alemanha tomasse a frente nas decisões relativas ao bloco. No entanto, as maquinações internas do estado alemão não permitiram que o país se tornasse uma liderança mais incisiva contra a Rússia.

As informações apresentadas no presente trabalho indicam que a análise realista clássica apresenta falhas significativas, pois não leva em consideração fatores internos dos Estados. Assim, a suposição de que os estadistas agem sempre de forma racional, visando exclusivamente aos interesses do Estado, não encontra respaldo na prática, uma vez que não leva em conta as pressões exercidas por outros atores políticos nacionais, como partidos políticos, grupos ideológicos e a população em geral.

A crise energética na Alemanha, por exemplo, é resultado de uma combinação complexa de fatores que não podem ser plenamente explicados pela teoria realista. Desta forma, para compreender integralmente a situação, torna-se necessário analisar as dinâmicas internas do país por meio de outras vertentes teóricas.

Nesse sentido, uma abordagem mais abrangente e contextualizada se faz necessária para entender a complexidade das interações políticas e as motivações individuais dos líderes. A análise deve levar em conta não apenas as relações externas entre os Estados, mas também as dinâmicas internas que moldam as decisões políticas e que têm impacto direto na formulação de políticas energéticas e em outras áreas relevantes para a crise em questão.

REFERÊNCIAS

"A guerra causou o maior e mais rápido deslocamento de pessoas na Europa desde a Segunda Guerra Mundial". **ONU**, 2022. Disponível em:

<<https://ukraine.un.org/en/175836-war-has-caused-fastest-and-largest-displacement-people-europe-world-war-ii>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

ALLAN, Tony. **Nações do Mundo: Alemanha**. Cidade Cultural. 3ªed - Rio de Janeiro, 1989.

"Das sind schmutzige Tricks". **Verbraucherzentrale Bundesverband**. Disponível em:

<<https://www.vzbv.de/meldungen/das-sind-schmutzige-tricks>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

ADBI-HERRLE, Sasan. Hilfe – auch für die Starken. **Zeit Online**. Disponível em:

<<https://www.zeit.de/wirtschaft/2022-08/gasumlage-gewinn-energiekonzerne-verbraucherschutzbundesregierung>>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. "A Reunificação da Alemanha". **Brasil Escola**.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/reunificacao-alemanha.htm>. Acesso em 29 de novembro de 2022.

ALBUQUERQUE, Dominic. A energia nuclear é renovável? Vantagens e desvantagens.

SoCientífica, 2022. Disponível em:

<<https://societificacom.br/a-energia-nuclear-e-renovavel/#>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

Além do Nord Stream: onde fica e qual rota cumpre o gasoduto russo Yamal-Europa?

Sputnik Brasil, 2021. Disponível em:

<<https://sputniknewsbrasil.com.br/20211222/alem-do-nord-stream-onde-fica-e-qual-rota-cumpre-o-gasoduto-russo-yamal-europa--20780199.html>>. Acesso em: 22 maio. 2023.

Alemanha desativa três das últimas seis usinas nucleares do país. **O Globo**, 2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/alemanha-desativa-tres-das-ultimas-seis-usinas-nucleares-do-pais-1-25336164>>. Acesso em: 21 de março de 2023.

Alemanha fecha acordo com Emirados Árabes para suprir falta de gás russo. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/alemanha-fecha-acordo-com-emirados-arabes-para-suprir-falta-de-gas-russo.shtml>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

ALEMANHA. Bundesregierung. Climate Action Plan 2050. **Press and Information Office of the Federal Government**, 2014. Disponível em:

<<https://www.bundesregierung.de/breg-en/service/information-material-issued-by-the-federal-government/climate-action-plan-2050>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

ALEMANHA. **Deutscher Bundestag**. "The German unification and freedom movement (1800 - 1848)". Disponível em:

<https://www.bundestag.de/en/parliament/history/parliamentarism/1800_1848/1800_1848-200328>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

ALEXANDER, Rahr. Germany-Russia: is a new ost-politik feasible? Report at the International scientific congress “Globalistics-2020: global issues and future of humankind”. Вестник Московского университета. Серия 27. **Глобалистика и геополитика**, n. 4, p. 5-12, 2020.

BERGIN, Tom. “Explicador: O que é SWIFT e como suas remoções afetarão a Rússia?”. **Reuters**, 2022. Disponível em: <<https://www.reuters.com/markets/europe/swift-primer-west-moves-freeze-russia-out-international-payments-2022-02-26/>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

CHADE, Jamil. “ONU diz que crimes de guerra foram cometidos na Ucrânia e cita russos”. **UOL**, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/09/23/onu-diz-que-crimes-de-guerra-foram-cometidos-na-ucrania-e-cita-russos.htm>>. Acesso em: 04 de outubro de 2022.

DAEHNHARDT, Patricia; HANDL, Vladimír. Germany’s Eastern challenge and the Russia–Ukraine crisis: A New Ostpolitik in the making?. **German Politics**, v. 27, n. 4, p. 445-459, 2018.

ESTADOS UNIDOS. **Office of the Historian**. "Issues Relevant to U.S. Foreign Diplomacy: Unification of German States". Disponível em: <<https://history.state.gov/countries/issues/german-unification>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

Fim de uma era: Alemanha fecha suas últimas usinas nucleares. **DW**, 2023. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/fim-de-uma-era-alemanha-fecha-suas-%C3%BAltimas-usinas-nucleares/a-65335770#>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

FINLAYSON, Alan. From beliefs to arguments: Interpretive methodology and rhetorical political analysis. **The British Journal of Politics & International Relations**, v. 9, n. 4, p. 545-563, 2007.

FIX, Liana. The different ‘shades’ of German power: Germany and EU foreign policy during the Ukraine conflict. **German Politics**, v. 27, n. 4, p. 498-515, 2018.

FORSBERG, Tuomas. From Ostpolitik to ‘frostpolitik’? Merkel, Putin and German foreign policy towards Russia. **International Affairs**, v. 92, n. 1, p. 21-42, 2016.

GONZÁLES, Rodrigo Stumpf. O método comparativo e a ciência política. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Vol. 2, Nº 1, Janeiro-Junho. 2008.

GÖTZ, Elias; STAUN, Jørgen. Why Russia attacked Ukraine: Strategic culture and radicalized narratives. **Contemporary Security Policy**, p. 1-16, 2022.

GROSS, Stephen G. Making space for sanctions: the Economics of German Natural Gas Imports from Russia, 1982 and 2014 compared. **German Politics and Society**, v. 34, n. 3, p. 1-25, 2016.

Guerra na Ucrânia: o que é o sistema de pagamentos Swift, que causa divisões sobre sanções à Rússia. **BBC**, 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60529300>>. Acesso em: 07 de março de 2023.

HOFMANN, Arne. The emergence of détente in Europe: Brandt, Kennedy and the formation of Ostpolitik. **Routledge**, 2007.

JACKSON, Robert; SØRENSEN, Georg. **Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens** / Robert Jackson, Georg Sorensen; tradução: Bárbara Duarte; revisão técnica: Arthur Ituassu. – 2^a. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

JAHN, Detlef; KOROLCZUK, Sebastian. German exceptionalism: the end of nuclear energy in Germany!. **Environmental Politics**, v. 21, n. 1, p. 159-164, 2012.

KARNITSCHNIG, MATTHEW. Why Germany can't say no to Nord Stream. **POLITICO**, 2020. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/why-germany-cant-say-no-to-nord-stream/>>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

KEOHANE, Robert O.; NYE JR, Joseph S. Power and interdependence. **Survival**, v. 15, n. 4, p. 158-165, 1973.

KERCHER, Sofia. Entenda o que são Nord Stream 1 e 2 e como eles impactam o Brasil. **CNN**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/entenda-o-que-sao-nord-stream-1-e-2-e-como-eles-impactam-o-brasil/>>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

LAKE, David A. Why “isms” are evil: Theory, epistemology, and academic sects as impediments to understanding and progress. **International Studies Quarterly**, v. 55, n. 2, p. 465-480, 2011.

LILKOV, Dimitar; FREUDENSTEIN, Roland. European Energy Security IN FOCUS: The Case Against Nord Stream 2. **European View**, v. 17, n. 2, p. 244-244, 2018.

MARSCHALL, Christoph. 100. Geburtstag von Egon Bahr, Architekt der Ostpolitik: Glückwunsch an einen Unverstandenen. **Tagesspiegel**. Disponível em: <<https://www.tagesspiegel.de/politik/glueckwunsch-an-einen-unverstandenen-4316827.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

MARTIN, NIK. Nord Stream 2 e a luta pelo poder entre Ocidente e Rússia. **DW**, 2022. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/nord-stream-2-e-a-luta-pelo-poder-entre-ocidente-e-r%C3%BAssia/a-60662250>>. Acesso em: 22 maio. 2023.

MITCHELL, Lincoln. Opinion: Why Putin puts his neighbor Georgia on edge. **CNN**, 2022. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2022/05/16/opinions/putin-georgia-ukraine-war-mitchell/index.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

MOORE, Gregory. **Research methods for international relations studies: assembling an effective toolkit**. In: 48th Annual International Studies Association Conference, Chicago (Illinois) February 28–March 3. 2007.

NOACK, R. Analysis | U.S. sanctions against Russia are also hurting Germany — a lot. **Washington Post**, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2017/12/14/u-s-sanctions-against-russia-are-also-hurting-germany-a-lot/?tid=ss_tw&utm_term=.21942d47cf1e>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates** – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 7ª reimpressão.

NORD STREAM AG. **Our Story**. Disponível em: <<https://www.nord-stream.com/the-project/history/>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

PREUSSEN, Wilhelmine. Germany nationalizes energy giant Uniper. **Político**. Disponível em: <<https://www.politico.eu/article/germany-nationalizes-energy-giant-uniper/>>. Acesso em: 31 de outubro de 2022.

PUTNAM, Robert D. Diplomacy and domestic politics: the logic of two-level games. **International organization**, v. 42, n. 3, p. 427-460, 1988.

Renewable Energy Sources Act (EEG, latest version EEG 2022). **Climate Change Laws Of The World**, 2022. Disponível em: <https://climate-laws.org/document/renewable-energy-sources-act-eeg-latest-version-eeg-2022_1b40>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

SHAGINA, Maria; WESTPHAL, Kirsten. Nord Stream 2 and the energy security dilemma: Opportunities, options and obstacles for a grand bargain. Stiftung **Wissenschaft und Politik**, 2021.

SIDDI, Marco. The partnership that failed: EU-Russia relations and the war in Ukraine. **Journal of European Integration**, v. 44, n. 6, p. 893-898, 2022.

SMITH. **History and International Relations**. Cap. 2: The historical problem in International Relations. 1999.

SPANGER, Hans-Joachim. The Perils of Path Dependency: Germany's Russia Policy. **Europe-Asia Studies**, v. 72, n. 6, p. 1053-1072, 2020.

VAN EVERA, Stephen. Guide to methods for students of political science. **Cornell University Press**, 1997.

WACKET, Markus. Germany nears nationalisation of gas giant Uniper. **Reuters**. Disponível em: <<https://www.reuters.com/business/energy/germany-buy-fortums-uniper-stake-inject-8-billion-euros-2022-09-20/>>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

WAGNER, Volker. 1970: Brandt de joelhos em Varsóvia. **DW**, 2015. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1970-brandt-de-joelhos-em-vars%C3%B3via/a-704988>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

WALTZ, Kenneth Neal. Man, the state, and war: A theoretical analysis. **Columbia University Press**, 2001.

YIN, Robert K., ed. Introducing the world of education: A case study reader. **Sage**, 2005.
“Rahr Alexander”. Putin’s List, 2022. Disponível em:
<<https://www.spisok-putina.org/en/personas/rahr/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.